

# Candomblé de rua chamado afoxé

Grupos de resistência negra atraem público não-religioso ao Alto José do Pinho no período da

Michelle de Assumpção  
DA EQUIPE DO DIÁRIO

Há três anos, uma batida tribal das nações africanas tira o sossego de quem trafega domingo à noite pela orla de Olinda. Na antiga colônia de pescadores, cerca de 30 pessoas, entre percussionistas e bailarinos, praticam sua resistência cultural tocando e dançando o afoxé. A platéia conhece a seqüência das canções entoadas e os passos das coreografias. O balé vai até altas horas da madrugada, para satisfação do povo - 100% negro - que frequenta o lugar e certamente tem conhecimento de onde ele saiu: as chamadas *ilê axé* (*ilê* = casa; *axé* = energia) ou terreiros de umbanda. O babalorixá Dito d'Oxossi, que comanda as noites da colônia, prefere chamar os terreiros de *ilê axé*. Ele não se diz umbandista ou do candomblé, mas *africanista*, por trazer ao Brasil a cultura praticada hoje na África. Dito é também o presidente do Ylê d'Egbá, que neste Carnaval completa 14 anos de resistência.

Se, nos dias normais, a energia do batuque provoca as mais diversas sensações, no Carnaval, a euforia tende a aumentar. É por isso que antes de sair de casa pede-se proteção a Exu, mesmo sendo Xangô o orixá patrono da casa religiosa de onde saiu o Ylê d'Egbá. O grupo tem sua sede no Alto José do Pinho, onde acontecem ensaios todas as terças e quintas-feiras. O bairro, nesta época do ano, está em polvorosa. Não são somente os atabaques, *xequerês* e



Grupo de show é formado pelo Batucajés, os percussionistas, e o Odara, corpo de balé; já os vocais ficam por conta do líder e convidados

dividem sua veia artística com um caboclinho, uma escola de samba, maracatu de baque solto e virado. Além, é claro, as bandas de rock.

Mas é na frente da casa de Dito, duas quadras após o terminal de ônibus do bairro, que a concentração de pessoas é maior. Todas que-

nação africana. Era assim que os afoxés eram conhecidos, no começo da colonização. E foi por isso que a opção do babalorixá Dito foi pelo afoxé, e não o maracatu, que era do gosto de seu pai, também sacerdote do terreiro Ilê d'Egbá.

nifica aquele que fala com energia. Mas é conhecido como candomblé de rua. Então, quando comecei a pesquisar e me envolvi com o primeiro afoxé de Pernambuco, descobri que maracatu foi um pejorativo criado pelos brancos para denominar uma mistura de negros, mas

afoxés deuse no primeiro grupo formado em Pernambuco, o Ylê de África. Dele, saíram o Ylê d'Egbá, o Alafin Yo Yo - ambos com a mesma idade - o Ara Odé e o caçula dos afoxés de Pernambuco, o Oxum Pandá. Desde sua criação até hoje, o Ylê d'Egbá procurou portanto traba-

imaginar todos os que estão por trás dos batidos. O grupo artístico da casa religiosa, portadora de orixás da dança. A casta do Religioso, formados por sacerdotes, depois a cutiva e os imaleis da parte religiosa

NA RUA - Final do show, formado por percussão e corpo de balé. Entre os participantes, Alexandre Nogueira Burh (do grupo nha). Segundo meira mulher a discussão do Ylê, 4 anos vem abrindo o caminho. Todos os participantes do grupo, mas também religiosos, atraídos pelas repassadas pelo

Dessa forma Pernambuco criou uma cultura rica - destino que por isso, inclusive o maracatu -, e gerou batalhas do Ylê com que o afoxé seja reconhecido de própria. "Tudo ligado repassado o único que não era separatista, brancos ou não o Brasil é um f

Michelle de Assumpção  
DA EQUIPE DO DIÁRIO

Há três anos, uma batida tribal das nações africanas tira o sossego de quem trafega domingo à noite pela orla de Olinda. Na antiga colônia de pescadores, cerca de 30 pessoas, entre percussionistas e bailarinos, praticam sua resistência cultural tocando e dançando o afoxé. A platéia conhece a seqüência das canções entoadas e os passos das coreografias. O balé vai até altas horas da madrugada, para satisfação do povo - 100% negro - que frequenta o lugar e certamente tem conhecimento de onde ele saiu: as chamadas *ilê axé* (*ilê* = casa; *axé* = energia) ou terreiros de umbanda. O babalorixá Dito d'Oxossi, que comanda as noites da colônia, prefere chamar os terreiros de *ilê axé*. Ele não se diz umbandista ou do candomblé, mas *africanista*, por trazer ao Brasil a cultura praticada hoje na África. Dito é também o presidente do Ylê d'Egbá, que neste Carnaval completa 14 anos de resistência.

Se, nos dias normais, a energia do batuque provoca as mais diversas sensações, no Carnaval, a euforia tende a aumentar. É por isso que antes de sair de casa pede-se proteção a Exu, mesmo sendo Xangô o orixá patrono da casa religiosa de onde saiu o Ylê d'Egbá. O grupo tem sua sede no Alto José do Pinho, onde acontecem ensaios todas as terças e quintas-feiras. O bairro, nesta época do ano, está em polvorosa. Não são somente os atabaques, *xequerês* e *agogôs* que podem ser ouvidos a metros de distância. Lá, os moradores



Grupo de show é formado pelo Batucajés, os percussionistas, e o Odara, corpo de balé; já os vocais ficam por conta do líder e convidados

dividem sua veia artística com um caboclinho, uma escola de samba, maracatu de baque solto e virado. Além, é claro, as bandas de rock.

Mas é na frente da casa de Dito, duas quadras após o terminal de ônibus do bairro, que a concentração de pessoas é maior. Todas que-rem ver o ensaio do Ilê. Turistas e moradores apertam-se entre duas esquinas para ouvir os toques de

nação afoxé, o gosto do

TRADIÇÃO africana; a



dividem sua veia artística com um caboclinho, uma escola de samba, maracatu de baque solto e virado. Além, é claro, as bandas de rock.

Mas é na frente da casa de Dito, duas quadras após o terminal de ônibus do bairro, que a concentração de pessoas é maior. Todas querem ver o ensaio do Ilê. Turistas e moradores apertam-se entre duas esquinas para ouvir os toques de

nação africana. Era assim que os afoxés eram conhecidos, no começo da colonização. E foi por isso que a opção do babalorixá Dito foi pelo afoxé, e não o maracatu, que era do gosto de seu pai, também sacerdote do terreiro Ilê d'Egbá.

**TRADIÇÃO** - "Os cantos de nação africana eram conhecidos como afoxés; *afô* é palavra, *axé* é energia, sig-

nifica aquele que fala com energia. Mas é conhecido como candomblé de rua. Então, quando comecei a pesquisar e me envolvi com o primeiro afoxé de Pernambuco, descobri que maracatu foi um pejorativo criado pelos brancos para denominar uma mistura de negros, mas originalmente eram conhecidos como cantos de nação africana", explica Dito, cuja experiência com

afoxés deu-se no primeiro grupo formado em Pernambuco, o Ylê de África. Dele, saíram o Ylê d'Egbá, o Alafin Yo Yo — ambos com a mesma idade — o Ara Odé e o caçula dos afoxés de Pernambuco, o Oxum Pandá.

Desde sua criação até hoje, o Ylê d'Egbá procurou portanto trabalhar com a comunidade. Enquanto se está sendo levado pelo ritmo contagiante dos batuques, não dá para

imaginar todos os preceitos que estão por trás do toques e movimentos. O grupo artístico vem de uma casa religiosa, portanto, carrega história de orixás da musicalidade e na dança. A casta do Ylê é o Conselho Religioso, formado por três sacerdotes; depois vem a diretoria executiva e os *imalês*: *ogãs* que cuidam da parte religiosa do grupo.

**NA RUA** - Finalmente, o grupo de show, formado pelo Batucajés, que são os percussionistas; e o Odara, corpo de balé. Os vocais são divididos entre o próprio Dito, André Alexandre, Noga e a novata Karina Burh (do grupo Comadre Florzinha). Segundo Dito, ela foi a primeira mulher a participar da percussão do Ylê, que somente há três anos vem abrindo para o sexo feminino. Todos os integrantes não só participam do grupo artisticamente, mas também com consciência religiosa, através de informações repassadas pelos *ogãs*.

Dessa forma, o afoxé segue em Pernambuco como uma manifestação rica — desmistificando um preconceito que por muitos anos carregou, inclusive de ser inferior ao maracatu —, e genuína. Pois uma das batalhas do Ylê d'Egbá hoje é fazer com que o afoxé de Pernambuco seja reconhecido como de identidade própria. "Tudo que aprendi na religião repassei para o Ylê d'Egbá, o único que não levanta essa bandeira separatista, procuramos educar brancos ou negros, mostrando que o Brasil é um país mestiço, que tem branco que tem sangue negro e não sabe. Temos que aprender esta cultura afro-brasileira", fala Dito.



Atabaques, xequerês e agogós são os instrumentos usados no Ylê d'Egbá.

## Ylê d'Egbá está lançando CD

Afoxé não é um ritmo, mas uma cultura que envolve música, dança e cultos religiosos. O Ylê d'Egbá, junto com o afoxé Oxum Pandá são dos quatro grupos que existem em Pernambuco hoje, os únicos a investirem na parte artística, com shows e discos. É por isto que este ano o grupo tem mais o que comemorar na avenida. Esta semana

O disco do grupo traz o que o babalorixá Dito d'Oxossi proclama como o afoxé de Pernambuco. É a primeira vez que a cultura desce para a Bahia — onde esta cultura desenvolve-se até com mais força, por quantidade dos grupos existentes — o ritmo é praticamente o mesmo, o jeixá. Apesar de preservar a cultura iorubá, o Ylê é contra o separatismo.



## Ylê d'Egbá está lançando CD

Afoxé não é um ritmo, mas uma cultura que envolve música, dança e cultos religiosos. O Ylê d'Egbá, junto com o afoxé Oxum Pandá são, dos quatro grupos que existem em Pernambuco hoje, os únicos a investirem na parte artística, com *shows* e discos. É por isto que este ano o grupo tem mais o que comemorar na avenida. Esta sendo lançado, pela primeira vez em Pernambuco, um disco de afoxé. O CD saiu do forno ontem mesmo, pelo selo Ciranda Records, que vem com mais três lançamentos: também os primeiros dos grupos Fethxá, grupo musical da tribo dos Fulniô, intitulado *Cantando com o Sol*; *Não há Silêncio*, do Oxum Pandá; e mais que aguardado *Sou Lia, Lia de Itamaracá*, da própria.

Os discos só foram possíveis a partir de uma parceria da Ciranda Produções com os próprios grupos, que dividirão o lucro da venda dos CDs. O lançamento não poderia deixar de ser no Carnaval. Portanto, se você quer conferir os sons, os grupos farão *shows* a partir de sábado, na Avenida Sigismundo Gonçalves, Varadouro, em frente ao colégio São Bento, em Olinda. O Ylê d'Egbá apresenta-se na segunda-feira, a partir das 16h.

O disco do grupo traz o que o balorixá Dito d'Oxossi proclama como o afoxé de Pernambuco. É na Bahia — onde esta cultura desenvolve-se até com mais força, pela quantidade dos grupos existentes — o ritmo é praticamente o mesmo: o jeixá. Apesar de preservar a cultura iorubá, o Ylê é contra o separatismo das nações africanas e inclui em seu repertório ritmos de outras nações, como a nação banto. Desta forma, o grupo apresenta variações de toques, que correspondem a *aguerê*, *egó*, *muçambique*, *cambucong*, entre outros. Alguns vão, na por coincidência, se parecer com o próprio maracatu.

“Eu sou percussionista e comecei a trabalhar com todos os ritmos que encontrei, referentes às nações africanas, nós trabalhamos sem disputas”, diz Dito. O disco é aberto com a toada *Abre Alas*, onde Dito fala de uma raça negra nagô, símbolo de resistência. Mas as letras não dizem apenas sobre a saga dos primeiros negros no Brasil, lutando pela sobrevivência de sua cultura. Mais na frente, ele assume um aspecto mais bairrista, enfocando os grupos culturais que povoam hoje a comunidade do Alto José do Pinho, chamada por ele de quilombo cultural.

Otávio de Souza



**Nós Sofre sai no sábado**

**CURIOSIDADE**

*Zé Pereira, o homem que batiza o primeiro dia do reinado de Momo, foi um açougueiro português que viveu no Rio de Janeiro, no final do século 18. José Nogueira de Azevedo Paredes, era bastante festeiro e chegou a uma bebedeira. De Zé Paredes a Zé Pereira foi um pulo. No primeiro dia de folia, ele saía pelas ruas cantarolando e tocando um tambor parecido com uma zabumba, arrastando multidões. O cortejo logo tomou conta da cidade e ganhou a simpatia dos foliões. A manifestação foi se enfraquecendo e resistiu até a segunda década do século 20.*

## Hoje tem...

### PÓLO GUARARAPES

- 18:30 - Abertura do Carnaval
- 19:00 - Banda Cidade do Recife/ Convidados/ Show Pirotécnico
- 21:30 - Orquestra Super Oara

### PÓLO ARSENAL DA MARINHA

- 21:00 - Quinteto Violado
- 22:30 - Alcimar Monteiro
- 00:00 - Orquestra Super Oara

### REC BEAT

- Faces do Subúrbio
- Paula Lima

- Orinho
- Stela Campos
- River Raid
- DJ Marc Regnier

### DESFILE DE AGREMIÇÕES NO BAIRRO DO RECIFE

(das 19:00 às 24:00h)

- Troça Azulão na Folia
- Clube Coqueirinho de Beberibe
- Maracatu Rural Leão da S. do Alto da Brasileira
- Bloco Flor da Lira do Recife
- Urso Branco do Zé
- Maracatu Nação Estrela Brilhante
- Escola Gigantes do Samba
- Caboclinho Sete Flechas

## Amanhã tem...

### PÓLO GUARARAPES

- 09:30 - Orquestra Super Oara
- 12:00 - Orquestra Tropical
- 12:30 - Desfile do Galo
- 18:00 - Lulu e a Banda de Coco
- 20:00 - Cristina Amaral
- 22:00 - Nádia Maia
- 00:00 - Marrom Brasileiro
- 02:00 - Almir Rouche e Banda Pingüim

### PÓLO PINA

- 20:00 - Os Cachorros
- 22:00 - Coração Tribal
- 23:30 - Cascabulho
- 01:30 - Pedro Luiz e a Parede

### PÓLO MADRE DE DEUS

Nada na programação

### PÓLO RIO BRANCO

- 20:00 - Nonio Germano
- 22:00 - Geraldo Azevedo
- 23:30 - Andre Rio/Quarteto Novo
- 01:30 - Orquestra Super Oara

### PÓLO ARSENAL DA MARINHA

- 18:00 - Banda de Pau e Corda
- 20:00 - Veio Mangaba/ Bubuska
- 22:00 - Orquestra Metais Banda Show
- 00:00 - Orquestra do Maestro Duda

### REC BEAT

- Mundo Livre S/A
- Pinduca
- DJ Dolores
- Matalanãmão
- Sonic Jr.
- DJ Engel Alistair

### DESFILE DE AGREMIÇÕES NO BAIRRO DO RECIFE

(das 19:00 às 24:00)

- Troça Amadores do Arruda
- Clube Girafa em Folia
- Maracatu Rural Cruzeiro do Forte
- Bloco Batutas de São José
- Urso Cangaçá
- Maracatu Nação Porto Rico
- Clube Boneco Tadeu no Frevo
- Escola de Samba galeria do Ritmo
- caboclinho Tupy Guarani